

A escritura Deleuze-Guattariana é a criação de um corpo sem órgãos

Deleuze-Guattarian Writing is the Creation of a Body without Organs

Wagner Honorato Dutra
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Belo Horizonte | MG | BR
wagnerhonoratodutra@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2161-2818>

Roberta Carvalho Romagnoli
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Belo Horizonte | MG | BR
robertaroma1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3551-2535>

Resumo: Nesse artigo, problematizamos e tentamos definir heuristicamente a escritura deleuze-guattariana no platô intitulado *28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos* (platô 6). Cartografamos os múltiplos agenciamentos literários do platô 6, levando em consideração os seus contextos argumentativos. Analisamos, sobretudo, as teorizações e implicações éticas resultantes do processo de criação dos corpos *drogado, esquizo e masoquista*. Com esses corpos, explicitamos os procedimentos de captura e de roubo que Deleuze e Guattari fazem ao construírem zonas de indiscernibilidade entre a filosofia, a psicanálise e a literatura. Além disso, tentamos demonstrar que, no referido platô, os autores não somente constroem conexões intensivas e transversais entre domínios heterogêneos do conhecimento, como também articulam o estilo da escrita, o posicionamento crítico e a criação conceitual num sistema aberto. Sustentamos que a escritura deleuze-guattariana, enquanto atividade composicional, é criação de um *Corpo sem órgãos*. Enquanto tal, ela é expressão de um processo vital.

Palavras-chave: corpo sem órgãos; escrita; esquizoanálise; filosofia literatura.

Abstract: In this article, we problematize and make an attempt to heuristically define the Deleuze-Guattarian writing on the plateau entitled *November 28, 1947: How Do You Make Yourself a Body Without Organs?* (plateau 6). We mapped the multiple literary arrangements of plateau 6, while taking into account their argumentative contexts. We analyzed, above all, the theorizations and ethical implications resulting from the process of crea-



tion of the *drugged*, *schizo* and *masochist* bodies. With such bodies, we elucidate the apprehension and appropriation procedures that Deleuze and Guattari adopt when building zones of indiscernibility between philosophy, psychoanalysis and literature. Furthermore, we seek to demonstrate that, in the aforementioned plateau, the authors not only build intensive and cross-cutting connections between heterogeneous domains of knowledge, but also articulate writing style, critical positioning and conceptual creation in an open system. We maintain that Deleuze-Guattarian writing, as a compositional activity, is the creation of a *Body without Organs*.

Keywords: without Organs; writing; schizoanalisis; philosophy; literature.

1 Introdução

O Corpo sem órgãos é um dos conceitos centrais na obra de Deleuze e Guattari, sobretudo em *Mil platôs*. Retirado em um primeiro momento de Antonin Artaud, ele é metamorfoseado para ser acoplado à complexidade e a processualidade da vida e do pensamento. A criação de um *Corpo sem órgãos* (CsO) é um processo composicional que envolve desterritorialização, deslocamentos, movimentações, circulação de fluxos e também estratificações, segmentações. No platô 6, intitulado *28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos*, a escritura de Deleuze e Guattari (1996) opera por intermédio de composições. Ela agencia elementos extraídos de domínios heterogêneos, tais como a literatura, a etnografia, a psicanálise e a filosofia. Tomemos as análises que Lee (2014) estabelece entre a cibernetica e a escritura deleuze-guattariana em *Mil platôs*, como ponto de contato inicial com a matéria.

Lee (2014) sugere que a inspiração cibernetica tem implicações epistemológicas e biológicas que, por sua vez, imprimem em *Mil platôs* uma lógica de funcionamento *sui generis*. Dentre as marcas que o conceito de Platô de Gregory Bateson deixa no livro de Deleuze e Guattari (1996), Lee (2014) destaca a genealogia crítica à teleologia, a concepção de multiplicidade imanente, a denúncia à doutrina da interioridade do sujeito pensante e a sustentação do primado lógico da diferença. Elementos essenciais para uma filosofia que se sustenta na imanência e na exterioridade.

O texto deleuze-guattariano, compreendido a partir da multiplicidade imanente – segunda “marca” do platô batesoniano –, se estabelece sob a modalidade de circuito retroativo. Em *Mil platôs* os temas são desenvolvidos de maneira imanente. Como não há um sentido teleológico ao texto, as ideias, os autores e as referências bibliográficas circulam, compõem nexos de sentido provisórios e a-centrados. Em decorrência disso, o livro adquire um novo *status*, cujo funcionamento se sustenta na força das multiplicidades, na capacidade de afetar e de ser afetado pelas forças que circulam entre ele e o leitor, entre seus conteúdos e a experimentação de uma realidade intensiva.

Por conseguinte, os argumentos são construídos em arranjos mais ou menos setorializados que, não obstante, mantêm relações – de semelhança, de diferenciação, de distanciamento e/ou aproximação – com outros arranjos teórico-conceituais pertencentes, preferencialmente, a domínios heterogêneos. Nos diálogos que Deleuze e Guattari (1996) estabelecem com a literatura em *Mil platôs*, por exemplo, essa característica é patente. Desde o início do platô 6, notamos que os componentes literários são trabalhados de maneira intensiva com outras áreas, como a biologia, a antropologia/etnografia, a psiquiatria e a psicanálise. Isso quer dizer que as referências literárias são identificáveis e podem, de algum modo, ser tematizadas, mas – é importante salientar – elas dificilmente se deixam fixar em posições estanques no texto. Talvez isso ocorra para fazer resistência aos aparelhos de captura próprios aos sistemas totalizantes justificados na busca por verdades universais. As conexões com a literatura ocorrem em contextos variados. Nesse sentido, aquilo que é extraído de determinado autor é conectado a outro, produzindo novos arranjos e modos de experimentação.

Nesse artigo – derivado de uma pesquisa de doutorado –, problematizamos e tentamos definir heuristicamente a escritura deleuze-guattariana no platô intitulado *28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos* (platô 6). Cartografamos os múltiplos agenciamentos literários do platô 6, levando em consideração os seus contextos argumentativos. Analisamos, sobretudo, as teorizações e implicações éticas resultantes do processo de criação dos corpos *drogado*, *esquizo* e *masoquista*. Com esses corpos, explicitamos os procedimentos de captura e de roubo que Deleuze e Guattari (1996) fazem ao construir zonas de indiscernibilidade entre a filosofia, a psicanálise e a literatura. Além disso, tentamos demonstrar que, no referido platô, os autores não somente constroem conexões intensivas e transversais entre domínios heterogêneos do conhecimento, como também articulam o estilo da escrita, o posicionamento crítico e a criação conceitual num sistema aberto. Sustentamos que a escritura deleuze-guattariana, enquanto atividade composicional, é criação de um *Corpo sem órgãos*.

2 O Corpo sem órgãos e seus deslocamentos

Como criar para si um corpo sem órgãos é datado em 28 de novembro de 1947. O acontecimento ao qual Deleuze e Guattari (1996) referem-se é a peça radiofônica *Para acabar com o julgamento de Deus* que Antonin Artaud, na companhia de Roger Blin, Marie Casarès e Paule Thévenin, gravou para o programa *A voz dos poetas*. No platô 6, Artaud é referenciado e trabalhado em inúmeros contextos argumentativos.

Já no primeiro parágrafo, nos deparamos com uma citação que aqui reproduzimos em versão ampliada: “Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade” (Artaud, 1983, p. 161).

A citação é utilizada para demarcar a interface existente entre o *Corpus* e o *Socius*, assim como para enfatizar a atividade de resistência política que envolve os processos de experimentação e de criação de um CsO. A partir de cinco modalidades de funcionamento – *corpo hipocondríaco*, *corpo paranoico*, *corpo esquizo*, *corpo masoquista* e *corpo drogado* –, Deleuze e Guattari (1996) problematizam três estados de coisas, a saber, a luta ativa pertinente à criação do CsO, os riscos que envolvem as suas experimentações e as suas implicações éticas.

No polo positivo do CsO, as intensidades circulam e variam conforme gradientes de afecções. Nele subsiste a produção do real que resiste, tensiona, desloca os estratos. O *corpo esquizo* experimenta essa intensidade em grau extremo. Deleuze e Guattari (1996) nos conectam com essa experimentação, fazendo alusão a um laudo pericial de 1899. Endereçado à Justiça, o documento atesta a prolífica sintomatologia delirante produzida pelo paciente.

Em as *Memórias de um doente dos nervos*, o próprio Schreber (1995) registra modalidades variadas de experimentação de um corpo, cujos órgãos funcionam como intensidades puras e passíveis de migração, de mutação, fusões e colapsos. No entanto, o corpo *esquizo* não é privilégio do psicótico. Ele é, antes de tudo, um modo de experimentação e, nesse sentido, pode ser agenciado em diferentes territórios. A literatura é um deles e é frequentemente utilizada por Deleuze e Guattari (1996) para enfatizar a lógica processual do desejo e do CsO.

No platô 6 identificamos várias referências literárias que exploram esse devir processual. Comecemos pelas referências a William Seward Burroughs. O livro do autor com o qual Deleuze e Guattari (1996) dialogam é *Naked Lunch* (*Almoço nu*). Segundo os editores Miles e Grauerholz (2001), o romance, criado sem plano determinado, foi desenvolvido ao longo de uma década. No decorrer desse período, *Almoço nu* sofreu sucessivas reedições realizadas por Burroughs e seus amigos. A versão definitiva, publicada em 1959, “por conta de sua própria natureza” é um texto que “resiste ao conceito de um texto fixo”. (Miles; Grauerholz, 2001, p. 299).

O estilo de *Almoço nu* é típico do movimento artístico *Beat* das décadas de 1950-1960 que, aliás, Burroughs ajudou a fundar. A narrativa é desenvolvida em um ritmo acelerado e não linear. Ela é marcada por *linhas de fuga* que não se deixam capturar por modelos hegemônicos de sobrecodificação.

Deleuze e Guattari (1996) fazem duas referências explícitas a *Almoço nu* de Burroughs (2016). A primeira está conectada à tematização do corpo *drogado* e serve para ilustrar uma modalidade de experimentação *esquizo* ligada a ele. Trata-se de uma experiência que implica, dentre outras coisas, em resistir às determinações dos modelos hegemônicos que identificam o corpo ao organismo. O trecho é o seguinte:

[...] o organismo humano é de uma ineficácia gritante; em vez de uma boca e de um ânus que correm o risco de se arruinar, por que não possuir um único orifício polivalente para a alimentação e a defecação? Poder-se-ia obstruir a boca e o nariz, entulhar o estômago e fazer um buraco de aeração diretamente nos pulmões, o que deveria ter sido feito desde a origem (Burroughs, 2016 *apud* Deleuze; Guattari, 1996, p. 10).

O CsO é a matriz intensiva de produção do real. Nele, a estratificação perde sua eficácia. Conforme lemos no segundo excerto de *Almoço nu* citado por Deleuze e Guattari (1996):

Os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização ou de sua função [...] órgãos sexuais aparecem por todo o lado [...] ânus emergem, abrem-se para defecar, depois se fecham, ... o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo (Burroughs, 1959 *apud* Deleuze; Guattari, 1996, p. 14).

Entendemos que ambas as referências cumprem uma finalidade epistemológica que, a nosso ver, atualiza duas operações indissociáveis: a criação e as suas repercussões. A criação

é de natureza teórico-filosófica e está ligada à conceitualização do CsO. Vincula-se, portanto, a uma das linhas de pensamento que Lee (2014) explora em sua análise sobre as influências de Bateson em *Mil platôs*. Vistos por esse prisma, os trechos comentados anteriormente prestam-se à sustentação da axiomática deleuze-guattariana da primazia ontológica do devir ou da produção do desejo. Pela via produtiva do real, o corpo literário de Burroughs (2016) nos conecta ao plano de funcionamento que é anterior e independente das formas acessórias do organismo.

Logo, o *corpo drogado* – pinçado de *Almoço nu* – contrai a função lógico-conceitual que também remete à força intensiva do *esquizo*, isto é, ao desejo de fazer para si um corpo no qual os órgãos não se subordinam aos imperativos funcionais pré-definidos, nem a quaisquer princípios genéticos, organizacionais e/ou teleológicos.

A segunda operação – derivada da função epistemológica – está relacionada às repercuções, aos efeitos estilísticos que os processos criativos literários exercem na *escritura deleuze-guattariana*. Com isso, sugerimos que as teorizações deleuze-guattarianas – desenvolvidas em diálogo com o amplo espectro de autores, obras e campos do conhecimento – colocam em prática o que Lee (2014) designa como nova teoria do livro. Até o momento, as análises que fizemos sobre os deslocamentos feitos por Deleuze e Guattari (1996) na literatura apontam nessa direção. Entendemos, no entanto, que as teorizações não estão subordinadas – assim como acontece em um *rizoma* – a nenhum eixo teórico, obras ou autores específicos. Consideremos o aspecto estilístico trabalhado por Lee (2014) como contraponto. No seu estudo, o autor não somente reconhece a influência de Nietzsche sobre Deleuze, como defende a tese de que foi apenas a partir de 1970 que ele efetivamente experimentou a escrita fragmentária à maneira nietzschiana.

Com efeito, o estilo aforístico de Nietzsche está presente nas obras que Deleuze escreve com Guattari, especialmente em *O anti-Édipo* (1972). Todavia, a escrita fragmentada que é praticada em *Mil platôs* não é mera replicação de um estilo advindo de terceiros. Parecemos que a escritura deleuze-guattariana tem *status* próprio e éposta em funcionamento com a exterioridade, seja ela de natureza poética, filosófica e/ou delirante. Exterioridade que agencia, conecta, transversaliza e produz outro sentido. O modo como *Almoço nu* é trabalhado por Deleuze e Guattari (1996) constitui um tipo *evolução não paralela*. Isso significa que as duas escrituras se conectam rizomaticamente. Uma não é determinada pela outra. Não há paralelo entre ambas. Elas estão em conjunção.

O *agenciamento* Deleuze-Guattari-Burroughs envolve, portanto, não a repetição do mesmo, mas a atualização de um processo que se singulariza em razão de uma pragmática da linguagem. Vale ressaltar que até mesmo a divisão que fizemos entre a função teórica e de estilo na escritura de Deleuze e Guattari (1996) é um recurso meramente didático, uma vez que essas funções são regidas pela imanência. Demonstraremos a indissociabilidade entre ambos componentes ao mapearmos o *corpo masoquista*.

3 Experimentando programaticamente a construção de um conceito

Até aqui, vimos que as conexões que Deleuze Guattari (1996) estabelecem com a literatura cumprem uma função teórico-conceitual de cunho pragmático. Isso quer dizer que os conteúdos – filosóficos, cibernéticos e os aspectos literários – adquirem novos significados conforme são agenciados. Eles não possuem valores absolutos, já que estão acoplados às maquinações teóricas que variam ao longo do texto, com o intuito de afetar os leitores de maneira singular.

No mapeamento que fizemos sobre o *corpo masoquista*, esse pragmatismo ou atividade construcionista assume contornos extremamente sutis. O *corpo masoquista* evidencia dois estados de coisas entrelaçados. O primeiro diz respeito aos procedimentos de captura/roubo que Deleuze e Guattari (1996) realizam ao construir zonas de indiscernibilidade entre a literatura e a psicanálise. O segundo corresponde às construções teóricas que eles realizam entre esses territórios, tendo em vista a conceitualização do CsO. Vejamos primeiro como funcionam as capturas.

O quinto parágrafo do platô 6 é uma longa citação sem a indicação de autoria. Embora extensa, iremos reproduzi-la na íntegra, já que ela é um elemento chave para desenvolvermos a nossa análise.

Senhora, 1) você pode me atar sobre a mesa, solidamente apertado, de dez a quinze minutos, tempo suficiente para preparar os instrumentos; 2) cem chicotadas pelo menos, com alguns minutos de intervalo; 3) você começa a costura, costura o buraco da glande, a pele ao redor desde à glande, impedindo-o de tirar a parte superior, você costura o saco à pele das coxas. Costura os seios, mas com um botão de quatro buracos solidamente sobre cada mama. Você pode reuni-los com um suspensório. Aí você passa à segunda fase: 4) você pode escolher virar-me sobre a mesa, sobre o ventre amarrado, mas com as pernas juntas, ou atar-me ao poste sozinho, os punhos reunidos, as pernas também, todo o corpo solidamente atado; 5) você me chicoteia as costas as nádegas as coxas, cem chicotadas pelo menos; 6) costura as nádegas juntas, todo o rego do eu. Solidamente com um fio duplo parando em cada ponto. Se estou sobre a mesa, você me ata então ao poste; 7) você me chicoteia as nádegas cinquenta vezes; 8) se você quiser reforçar a tortura e executar sua ameaça da última vez, enfie agulhas nas nádegas com força; 9) você pode então atar-me à cadeira, você me chibateia os seios trinta vezes e enfia agulhas menores, se você quiser, pode esquentá-las antes no fogo, todas ou algumas. A amarração na cadeira deveria ser sólida e os punhos amarrados nas costas para estufar o peito. Se eu não falei sobre as queimaduras é que devo fazer em breve uma visita e leva tempo para curar (Deleuze; Guattari, 1996, p. 11-12).

À primeira vista, o conteúdo descrito nesse trecho parece ter sido extraído de alguma obra de Sacher Masoch. Vale lembrar que Deleuze fez um estudo sobre o autor de *A vénus das peles* em 1967. No referido estudo, ele explica que o masoquista precisa formar a mulher despota e, para conseguir isso, fará de tudo para persuadi-la. Com esse intuito em mente, o protagonista firma um contrato com a sua *Senhora* como artifício imprescindível à concretização de sua tarefa pedagógica (Deleuze, 2009).

Há, provavelmente, relações entre o texto de 1967 e o programa masoquista anteriormente citado. Sugerimos que as pistas que nos levam a compreendê-las estão, em parte, no estudo de um caso de masoquismo do tipo cavalo desenvolvido por Roger Dupouy (1929). Trata-se de um idoso que mantém relações sexuais com a esposa a maneira de um cavalo. Para fazer isso funcionar, ele usa toda uma parafernália equina composta por dispositivos metálicos e de couro (freios, antolhos, celas), destinados a envolver seus membros, a boca, os olhos, os seus pés e o seu pênis. O caso foi descrito em detalhes por Dupouy (1929). Ele teve contato pessoal com o idoso e acesso a uma série de documentos. Nos registros constam as preocupações, os pensamentos e as especificações dos procedimentos relativos às práticas de adestramento e de dominação.

Dentre os trechos selecionados por Dupouy (1929) em seu artigo, o fragmento de um *programa* – é assim que ele o denomina – chama nossa atenção pela maneira como é formatado.

Ele é dividido em duas partes. A primeira é denominada de adestramento e, como o próprio nome indica, elenca as diretrizes e os comandos pertinentes à normalização do adestramento. A segunda parte (regime ordinário) diz respeito à distribuição e à organização das atividades de controle, de dominação e de punição que o idoso deve submeter-se ao longo do dia.

O programa citado por Dupoy (1929) e aquele que compilamos de Deleuze e Guattari (1996) são formalmente semelhantes. Ambos são constituídos por duas partes (fases ou regimes), contêm etapas e passos a seguir, assim como são dirigidos a uma mulher que exerce a função de dominadora. Além disso, apesar de o masoquista cavalo referir-se a sua esposa como Tu, ela exerce uma função análoga a que *Vênus das peles* – Wanda (Senhora) – exerce na vida sexual de Severin. Uma razão que, aparentemente, justifica a aproximação da literatura de Masoch com a clínica do masoquismo – tem a ver com o esforço deleuze-guattariano de construir uma zona de indiscernibilidade entre ambos os campos, apontando para uma desterritorialização. Nesse sentido, as linhas que contornam o programa masoquista são desconfiguradas, acopladas a fragmentos românicos e, concomitantemente, reconfiguradas na escritura de Deleuze e Guattari (1996). Algo se passa entre Masoch, Deleuze, Guattari e Dupouy e o seu funcionamento também pode ser descrito em conjunção com a noção de território.

De acordo com Romagnoli (2014), o conceito de território é utilizado para designar processos notadamente plásticos. Os territórios são suscetíveis às transformações, às desterritorializações e às (re) territorializações, indicando outra característica do pensamento esquizoanalítico: a sustentação da processualidade da realidade. A processualidade se associa à invenção no trânsito entre os modos intensivo e o extensivo, entre a interioridade e a exterioridade. Sob essa perspectiva critativa, os textos agenciados por Deleuze e Guattari (1996) são conectados para compor *rizomas* repletos de passagens, *linhas de fuga* que nos levam a experimentar novos mundos. Tal operação condiz com a maneira como os autores fazem maquinações com as produções dos seus interlocutores. Ao longo do percurso que fizemos pelo platô 6 – especialmente nos arranjos que Deleuze e Guattari (1996) criam com *Almoço nu* –, isso ficou relativamente demonstrado. Todavia, algo mais acontece e tem ressonâncias com outro texto referenciado, dessa vez, na segunda nota de rodapé do platô 6. Deleuze e Guattari (1996) fazem alusão ao psicanalista M'Uzan (1980) para refutar a interpretação psicanalítica do masoquismo. Na nota lemos:

A oposição programa-fantasma claramente em M'Uzan, a propósito de um caso de masoquismo; cf. *La sexualité perverse*, Payot, p. 36. Mesmo não precisando a oposição, M'Uzan serve-se da noção de programa para pôr em questão os temas de Édipo, de angústia e castração (Deleuze; Guattari, 1996, p. 12).

Nesse fragmento, Deleuze e Guattari (1996) parecem sugerir que M'Uzan (1980) realiza duas operações. Ele trata implicitamente o tema da oposição programa-fantasma utilizando a noção de programa para pôr em xeque temas caros à vulgata psicanalítica. O interessante é que, realmente, esses tópicos são tratados no texto de M'Uzan (1980), mas não na maneira como Deleuze e Guattari (1996) sugerem. M'Uzan (1980), inclusive, critica uma tese defendida por Deleuze (2009) em *Sacher Masoch. Ofício e o cruel*. No platô 6, a crítica é implicitamente refutada pela via processual que descreveremos a seguir. Entretanto, antes de demonstrar como isso é realizado, descreveremos em linhas gerais o que trata M'Uzan (1980) em seu texto.

No artigo, M'Uzan (1980) analisa um caso de masoquismo – Senhor M de 65 anos –, com base em formulações desenvolvidas por Freud, (2016), especialmente em *O problema econômico do masoquismo*. M'Uzan (1980) revisita aspectos teóricos da psicanálise freudiana com o intuito de construir uma via interpretativa alternativa às estabelecidas em torno da temática do masoquismo. Seus interlocutores são Theodor Reik, Wilhem Reich, Bela Grunberger, Joyce MacDougall, P. Greenacre e Gilles Deleuze (2009). Na sua avaliação, o caso do Sr. M é paradigmático, não somente porque funciona numa lógica que serve de base comum para a compreensão dos masoquismos moral e o feminino. Ele é também uma experiência singular, cuja explicação exige reformulação, um trânsito diferenciado pelas teorias das perversões.

Dentre os fatores que conferem originalidade ao caso do Sr. M, M'Uzan (1980) destaca os papéis equivalentes que as torturas reais e imaginadas exercem na economia do seu erotismo, a destruição dos seus órgãos genitais e, por fim, mas não menos importante, a inexistência de uma mulher cruel e autoritária em sua vida. Há, no entanto, uma parceira masoquista que cumpre a função de *alter ego* de M, deleitando-se com ele das mesmas sevícias.

Retomemos, então, às observações que Deleuze e Guattari (1996) fazem sobre M'Uzan (1980) na nota de rodapé que reproduzimos há pouco. No artigo, eles identificam a temática da oposição programa-fantasma, embora reconheçam que o autor não a explique. Além disso, Deleuze e Guattari (1996) indicam que M'Uzan (1980) utiliza um programa para pôr em xeque as noções de Édipo, de angústia e de castração, tais como são empregadas nos estudos sobre o masoquismo. Ressaltamos, entretanto, que M'Uzan (1980) não faz o uso explícito de um programa, mas lança mão de um esquema subdividido em 5 tópicos para sintetizar o que, até certo ponto da sua argumentação, ele havia trabalhado.

Ressaltamos, ainda, que as referências feitas a M'Uzan (1980) não se limitam a suposta imputação da noção de programa ao seu estilo de escrita. Os procedimentos que o Sr. M faz em seu corpo, assim como as punições que ele se submete, têm características similares às elencadas por Deleuze e Guattari (1996) no programa masoquista do início do platô 6. Com base nessas nuances, propomos uma segunda explicação heurística de tais maquinações. Elas visam, aparentemente, não somente tornar indiscernível as experiências clínica e literária, mas também caracterizar ambos os relatos clínicos como tipos semelhantes. Nesse sentido, os masoquismos do Sr. M (a despeito de quem o descreve) e do Sr. cavalo são regidos pela mesma lógica programática da dominação, pois possuem estatuto análogo ao literário.

As razões ligadas a esses tipos de capturas e de deslocamentos sucessivos, já haviam sido desenvolvidas por Deleuze (2009) em seu estudo sobre Sacher-Masoch. Na obra, Deleuze (2009, p. 14) defende a justaposição entre ambas às experiências no seguinte trecho: “A sintomatologia diz sempre respeito à arte. As especificidades clínicas do sadismo e do masoquismo não são separáveis dos valores literários próprios de Sade e de Masoch”. Como indicamos anteriormente, M'Uzan (1980) critica a validade dessa tese. Após discorrer sobre as funções exercidas pela fantasia e pelo complexo de Édipo no masoquismo, ele conclui categoricamente:

A observação clínica não pode confirmar a intuição que leva o filósofo Gilles Deleuze a afirmar, a propósito de Sacher-Masoch: “Do corpo à obra de arte, da obra de arte às ideias, há toda uma ascensão que se realiza às chibatadas”. Para nós a trajetória do movimento masóquico não conduz propriamente às ideias, mas ao masoquismo moral, após a magistral realização do processo de recalque (M'Uzan, 1980, p. 27-28).

Logo, são as relações entre a clínica, a literatura e as ideias (conceitos) que Deleuze e Guattari (1996) colocam em jogo e agenciam no processo de escrita. De fato, as relações entre essas modalidades de experimentação não se colocam no platô 6 em termos de movimento ascensional, tal como propõe Deleuze (2009) no trecho citado por M'Uzan (1980). Em *Mil platôs*, a literatura e a clínica compõem linhas que se enredam no plano de imanência (CsO).

Pois bem, o que sugerimos que Deleuze e Guattari (1996) operam, relaciona-se com o que sinalizamos nos comentários que Romagnoli (2014) faz sobre os territórios. Com a autora, entendemos que um território (texto de M'Uzan) é percorrido e alguns dos seus elementos (experiências sexuais-perversas e o formato do seu relato) são pinçados e desterritorializados. Simultaneamente, eles são conectados a outros territórios (Masoch; Roger Dupouy) formando um agenciamento coletivo que, juntamente com outros traçados, cria um novo território (O platô 6). Esse é o funcionamento da exterioridade: algo de fora do território força a processualidade e a conexão para desterritorializar e depois reterritorializar.

Resumindo o que foi dito e escrito por Deleuze e Guattari (1996), propomos o seguinte programa: 1) Deleuze e Guattari citam um programa masoquista; 2) o programa contém certos elementos que remetem a textualidades distintas, mas conectadas. Deste modo: 3) o caso do Sr. M descrito por um psicanalista (M'Uzan), no qual não se reconhece a participação de uma dominadora (*Senhora*); 4) é lido sob a ótica de um programa de duas fases, organizado de maneira análoga ao descrito por Dupouy (masoquista do tipo cavalo) que, por sua vez; 5) conflui em alguns aspectos (a existência do controle dos procedimentos, a função exercida por uma *Senhora-dominadora*) com a escritura literária de Sacher Masoch.

Esses processamentos não são meros artifícios metodológicos sofisticados e/ou manobras de refutação retórica ressentida. Há, evidentemente, um toque de humor em tudo isso. Contudo, não podemos perder de vista a característica dialógica-construcionista da escritura de Deleuze e Guattari (1996). Ela é um ato positivo, de ruptura que conecta e faz pensar a partir de posições nada convencionais. Com esses autores, a crítica adquire o estatuto preciso de criação e de implicação de novos conceitos na matéria. Aliás, essas são as tarefas da esquizoanálise, colocadas no último capítulo do *anti-Édipo*: raspagem ou curetagem que corresponde a uma crítica calcada na identificação do que se repete, a favor da reprodução e da antiprodução e ao mesmo tempo produção de dispositivos, operar para produzir novas maneiras de viver e de pensar. O trânsito que Deleuze e Guattari (1996) fazem pelo *corpo masoquista* é traçado por linhas de uma máquina de guerra conceitual que põe em xeque o paradigma da representação, especialmente aquilo que dele se perpetua pela recognição psicanalítica.

4 O masoquismo é uma questão de CsO

Deleuze e Guattari (1996) criticam os diferentes dispositivos teóricos – princípio de prazer, pulso de morte, complexo de Édipo – que a psicanálise dispõe para manter o desejo atrelado à lei negativa da falta. Eles problematizam, principalmente, a interpretação freudiana que atribui ao masoquismo a tendência de busca de prazer pelas vias fantasmáticas da dor e da humilhação. Conforme essa concepção, a substituição cumpre o objetivo de conjurar fantasias originárias.

O masoquismo, tal como é conceitualizado por Freud (2016), constitui-se teleologicamente e retém as marcas deixadas ao longo do desenvolvimento libidinal (fases oral, sádico-anal e fálica). Por esse viés dicotômico, as experimentações perversas nada mais são do que conteú-

dos manifestos. Elas exercem um papel secundário na economia do masoquismo, pois não passam de mera execução lúdica ou de epifenômenos dos protótipos fantasmáticos inconscientes.

Ao invés de considerarem o masoquismo a partir da economia da dor, do prazer e da dinâmica da fantasia, Deleuze e Guattari (1996) sustentam que ele é, antes de qualquer coisa, uma questão de CsO. Eles fazem contraponto ao modelo teórico-clínico freudiano, com base no caso do masoquista do tipo cavalo apresentado por Dupouy (1929). O caso é usado como exemplo de funcionamento de um CsO, de um motor de experimentação esvaziado de qualquer matéria significante passível de interpretação.

Para os autores, o masoquista desse programa não imita o cavalo, nem está realizando uma atividade “lúdica” conforme sugere Freud (2016). Tampouco o agenciamento masoquista-adestradora-cavalo é um derivado fantasmático das figuras parentais. O que está em jogo, de acordo com Deleuze e Guattari (1996), são as funções que o devir animal, assim como a forças que ele mobiliza na relação com a adestradora (Senhora), exercem no processo de constituição de um CsO.

Deleuze e Guattari (1996) fazem uma espécie de inversão do esquema freudiano. Para eles é o agenciamento masoquista-adestradora-cavalo que sobrecodifica a vida instintual/pulsional, não o contrário. Nessa operação, o cavalo transmite as suas forças ao masoquista (devir cavalo no masoquista) para que este domine suas forças inatas. Há, portanto, duas séries em circuito – a do cavalo e a do masoquista –, sendo que é a Senhora-adestradora que assegura, tanto a conversão das forças (inatas/transmissivas) quanto a inversão dos signos (homem/cavalo).

Deleuze e Guattari (1996) problematizam, dentre tantas coisas, o funcionamento de um CsO. O que se passa em um CsO e a maneira de criá-lo são processos que pressupõem implicação mútua. Tal reciprocidade, no entanto, não anula as suas especificidades. No programa descrito por Dupouy (1929), a primeira fase, *regime de adestramento*, é dedicada à fabricação do CsO, enquanto a segunda, *regime ordinário*, permite que algo circule no CsO. Isso pode ser compreendido assim: “o masoquista fez para si um CsO em tais condições que este, desde então, só pode ser povoado por intensidades de dor, *ondas doloríferas*” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 12). Percebe-se nesse enunciado que a dor exerce uma função distinta daquela preconizada pela psicanálise de Freud (2016). Deleuze e Guattari (1996) apropriam de algumas considerações que M'Uzan (1980) faz sobre o masoquismo, com a dupla finalidade de criticar preceitos freudianos e construir uma teoria original do *corpo masoquista*.

Conforme tentamos demonstrar até aqui, os percursos que Deleuze e Guattari (1996) fazem pela literatura e pelos textos clínico-psicanalíticos não se limitam à produção de efeitos retóricos e estilísticos. Os modos como as diferentes ideias, conceitos e temas são agenciados constituem um fator importante para compreendermos a escritura deleuze-guattariana. Tais conversações não devem, entretanto, ser consideradas como fins em si mesmos, pois estão atreladas à crítica teórica, à construção conceitual e aos agenciamentos que conduzem às novas experimentações.

O acoplamento teórico feito com M'Uzan (1980) contém uma série de elementos que subvertem os papéis desempenhados pelas fantasias e pela dor na economia do masoquismo. Diferentemente de Freud (2016), Deleuze e Guattari (1996) atribuem ao fantasma e à atividade representacional uma importância rudimentar. Para eles, quanto mais as ações e os procedimentos sexuais estão presentes, menos se reconhece a interferência das atividades fantasmáticas. Isso se deve ao fato de que as sintomatologias masoquistas são predominantemente “dominadas pelo econômico e estruturam-se largamente à margem do Édipo” (M'Uzan, 1980, p. 27).

Além disso, a dor adquire um novo estatuto, pois ela desempenha a dupla função de catalisar a excitação sexual e amplificá-la ao máximo. Ela não constitui um fim em si, mas um meio para atingir o prazer terminal. A dor pertence aos domínios dos meios e da quantidade, o que implica num manejo que leva em conta as variações das intensidades e o prolongamento do tempo. A dor e as humilhações passam a ser consideradas o preço que o masoquista paga por postergar ao máximo o ponto culminante do prazer. Elas são, portanto, os efeitos resultantes da força exercida contra o fluxo produtivo do desejo.

Logo, o que está em causa não é a dor, nem a busca de prazer por uma via pervertida ou fantasmática, mas o fato de que o masoquista constrói para si um CsO de um tipo que “[...] só poderá ser preenchido, percorrido pela dor, em virtude das próprias condições em que foi constituído” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 12). Percebemos a partir dessa citação a importância que os autores vinculam experimentação e ética, uma vez que, a maneira como construímos um CsO está ligada, em grande medida, às intensidades, às afetações, às dores e às alegrias que faremos nascer, crescer e proliferar. Esta articulação remete à nossa potência, a arte de compor relações, de experimentar. Com efeito, as análises sobre os diferentes corpos (*masoquista, drogado, esquizo*) estão intimamente ligadas à ética da imanência. As conexões nesse campo são múltiplas e complexas. Aí vai um esboço de algumas das suas facetas.

5 Criação e experimentação

A criação de um CsO envolve a relação de interdependência entre constituição e modos de experimentação. O estudioso de Espinosa identificará as ressonâncias desse enunciado com a teoria dos afetos e das paixões, tal como é demonstrada na *Ética*. No platô 6, a teoria dos afetos e das paixões de Espinosa se faz pragmática do desejo. Em Deleuze (2019) – e isso também se aplica ao diálogo com Espinosa no platô 6 –, a capacidade de um corpo afetar e de ser afetado por outro modula seu grau de potência. Essa apropriação permite a Deleuze e Guattari (1996) vincularem formas de experimentação e tipos de constituição ao conceito de CsO.

O masoquista, por exemplo, construiu para si um corpo singular, cujas experimentações escapam as estratificações dominantes. Para fazer circular devires animais, o homem cavalo submeteu o seu corpo a um conjunto de regras e procedimentos (programa) estranhos ao dispositivo de edipianização.

O corpo *drogado*, por sua vez, “lida de forma impessoal com seu corpo, que para si não é mais que um instrumento para absorver o meio em que vive”. (Burroughs, 2016, p. 80-81).

As experimentações do *musoquista* e do *drogado* mobilizam vetores de desterritorialização que podem atuar, tanto como força de transformação e de transgressão dos padrões quanto veículo de autodestruição. Dito isso, fica evidente que mapeamos os três corpos (*musoquista, drogado* e *esquizo*) enfatizando o polo da produção desejante. Caso tomássemos o platô 6 apenas pelo viés desterritorializante do desejo, seríamos levados a crer que tudo que foi dito sobre o CsO não passa de uma apologética sofisticada ao determinismo do caos. Visto dessa maneira, a criação de um CsO seria uma atividade espontânea ligada à capacidade de deixar-se levar por uma força vital criativa e afirmativa. Entretanto, não é disso que se trata, já que o processo de desconstrução envolve riscos.

Deleuze e Guattari (1996) estão cientes dos riscos e fazem questão de enfatizá-los de maneiras variadas. Uma dessas maneiras é chamar a atenção do leitor para os exemplos usados

para problematizar a criação de um CsO. Os autores abordam o tema a partir de experiências que, no imaginário social, estão associadas à patologia, à precariedade e ao sofrimento. À primeira vista, tal escolha parece ser contraditória, uma vez que o CsO é, antes de tudo, um processo desejante ligado a produção. Deleuze e Guattari (1996) estão cientes desse aparente contrassenso e não se detém à mera constatação do problema. Eles constroem uma estratégia argumentativa na qual a maioria dos exemplos são descritos e analisados sob o duplo aspecto do devir vital e do colapso. Consideremos, primeiramente, as *memórias* de Schreber (1995). Com elas, Deleuze e Guattari (1996) exploram processos ligados à desterritorialização dos estratos, especialmente do organismo. Nota-se, entretanto, que a escritura de Paul Schreber tem traços da sua produção delirante e pode, nesses termos, ser compreendida como um dos efeitos destrutivos ocasionados pela desestratificação desmedida. O desfecho dramático da sua vida é testemunho disso.

A desestratificação radical e violenta também é explicitada em *Speed*, obra de 1970 escrita por William S. Burroughs Jr., filho autor de o *Almoço nu*. Como já sugerimos, a obra de William S. Burroughs (pai) serviu de exemplo de resistência à lógica do organismo. Seu uso cumpriu a dupla função de se conectar à teorização do processo esquizo e ser agenciado na escritura de Deleuze e Guattari (1996). A conexão com Burroughs Jr., por sua vez, se insere num contexto argumentativo em que Deleuze e Guattari (1996) problematizam os riscos inerentes à produção de um CsO. Eis a passagem:

Pode-se fracassar duas vezes, e, no entanto, é o mesmo fracasso, o mesmo perigo. No nível da constituição do CsO e no nível daquilo que passa ou não passa. Acreditava-se ter criado um bom CsO, tinha-se escolhido o Lugar, a Potência, o Coletivo (há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho), e, no entanto, nada passa, nada circula, ou algo impede a circulação. Um ponto paranoico, um ponto de bloqueio ou uma lufada delirante, vê-se bem isto no livro de Burroughs Júnior, *Speed*. Para localizar este ponto perigoso é necessário expulsar o bloqueador, ou, ao contrário, “amar, honrar e servir o demente cada vez que ele vem à tona”? (Deleuze; Guattari, 1996, p. 13).

Com efeito, Burroughs Jr. (1970) e Schreber (1995) experimentam processos de desestratificação e de liberação dos fluxos no caos indeterminado. Pela desorganização radical, eles instituem novas sensibilidades e experimentações alternativas às determinadas pelo organismo, mas são arrastados por linhas suicidas.

Logo, não basta fazer uma oposição violenta aos estratos ou explodi-los em milhares de fragmentos. Isso não garante que o resultado seja consonante com a vida. A nova configuração pode produzir formações moleculares que funcionam e se proliferam como tumores cancerosos. No novo corpo, o tumor pode se expandir e se tornar, assim, um mecanismo ainda mais restritivo, fascista, aterrorizante e degradante.

No caso do masoquista, algo disfuncional também ocorre, mas não pela via da desterritorialização. O seu radicalismo ocorre na reterritorialização dos fluxos. Houve o recrudescimento das regras, das cláusulas e das prescrições referentes à experimentação de um corpo que só permite circular ondas dolorosas. Diante dos riscos inerentes ao processo de criação do seu CsO, ele encrudesce as prescrições regimentais. O masoquista chega ao ponto, inclusive, de instituir um contrato com a sua Senhora. Ele utiliza esse artifício para regulamentar programaticamente as práticas sexuais e o modo como a sua Senhora dominará o seu corpo.

Após esse percurso pelos corpos esquizo, drogado e masoquista, assinalaremos uma interpretação que gostaríamos que não fosse atribuída às nossas análises e à escritura deleuze-guattariana. Apesar de termos considerado o problema da criação de um CsO a par-

tir de dois polos separadamente, isso não ocorre no platô 6. No texto deleuze-guattariano, os conceitos *devir* e *estrato*, por exemplo, não são definidos taxativamente como polos em oposição, nem são trabalhados exclusivamente como componentes heterogêneos de *agenciamentos maquínicos*. Eles são trabalhados processualmente.

Por conseguinte, Deleuze e Guattari (1996) não atribuem aos corpos *masoquista*, *esquizo* e *drogado* uma posição fixa em determinada escala hierárquica de valoração binária. Eles praticam uma ética que leva em conta os encontros, as afetações e a capacidade do corpo de modular a sua potência de agir e os encontros.

A priori, o corpo *masoquista* não é bom nem mau. O problema é de cunho pragmático, isto é, tem a ver se determinado corpo se conecta com outros corpos que o potencializa, o bloqueia e/ou o destrói. Podemos dizer que há, possivelmente, modos de funcionamento mais potentes que outros, mas disso não decorre que eles sirvam para todos.

Um CsO não é um átomo isolado, ele forma conexões que são agenciadas por máquinas abstratas. Elas delineiam os contornos das composições, selecionam os fluxos e os modos como os encontros são produzidos. Assim, dependendo de como esses arranjos são engendrados, um CsO funcionará em sinergia com outro, aumentando sua potência, ou permanecerá marginalizado em seu gênero, suscetível à autofagia. Nesses termos, um CsO não se submete, necessariamente, a um modo exclusivo de experimentação. Tampouco os seus efeitos estão condicionados a gêneros específicos, como se houvesse uma relação natural entre determinado corpo e outro. Mesmo nos casos que mapeamos – *o corpo esquizo*, *o corpo drogado* e *o corpo masoquista* –, percebemos que Deleuze e Guattari (1996) não condicionam os efeitos e os atributos aos gêneros. A questão da criação de CsO, de um ponto de vista cartográfico, enfatiza o caráter permutável dos processos em *devir* em conexão com a dimensão ética dos arranjos corporais performáticos.

6 Considerações finais

Em nosso percurso pelo platô 6, tentamos demonstrar como os autores pensam, problematizam, criam conceitos e os agenciam numa escrita rizomática. Sugerimos que a escritura deleuze-guattariana é um processo composicional, capaz de construir conexões intensivas e transversais entre domínios heterogêneos de conhecimento. As composições produzidas entre a literatura, a psicanálise e a filosofia no platô 6 indicam isso. Ao longo do texto são construídas composições entre conteúdos, temas e fragmentos de obras que se conectam rizomaticamente.

Vimos como Deleuze e Guattari (1996) constroem uma escrita singular trançando linhas entre territórios literários, filosóficos, psicanalíticos e muitos outros. Aprendemos que ela funciona como um *agenciamento coletivo* no qual estilo de escrita, posicionamento crítico e criação conceitual estão interligados num sistema aberto. Dessa forma, cada composição é a expressão de uma configuração singular de elementos heterogêneos que, por não possuírem valores absolutos, são suscetíveis às variações e às reconfigurações contínuas.

Assim, apesar de os arranjos heterogêneos terem autonomia relativa, os seus componentes podem ser virtualmente interconectados formando um sistema textual aberto. Os componentes são selecionados, metamorfoseados e agenciados em diferentes contextos por uma escritura diagramática fortemente marcada por um viés ético-pragmático.

Referências

- ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. In: WILLER, Claudio. (org.). *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 145-162.
- BURROUGHS, William Seward *Almoço nu*. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch*: o frio e o cruel. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELEUZE, Gilles. Curso de 24 de janeiro de 1978. In: DELEUZE, Gilles. *Curso sobre Spinoza*. (Vincennes, 1978-1981). Tradução Emanuel Ângelo da rocha Fragoso et al. 3. ed. Fortaleza: EdUECE/CMAF, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947. Como criar pra si um corpo sem órgãos. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 9-29. v. 3.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix *O anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DUPOUY, Roger. Du masochisme. *Annales médico-psychologiques*, Paris, v. 12, n. 2, p. 393-405, 1929.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas de Sigmund Freud*: neurose, psicose, perversão. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 287-304.
- LEE, Chan-Woong. Le concept de plateau chez Deleuze et Guattari: ses implications épistémologique et éthique. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 55, n. 129, p. 79-97, 2014.
- MILES, Barry; GRAUERHOLZ, James. Nota dos editores. In: BURROUGHS, William Seward. *Almoço nu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 299-317.
- M'UZAN, Michel de. Um caso de masoquismo perverso. In: M'UZAM. Michel de et al. *A sexualidade perversa*. Lisboa: Vega, 1980. p. 11-34.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Acerca da noção de território no SUAS: a proposta esquitoanalítica. In: ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; MOREIRA, Maria Ignez Costa. (org.). *O sistema único de assistência social – SUAS*: a articulação entre psicologia e o serviço social no campo da proteção social, seus desafios e perspectivas. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 117-131.
- SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1995.